

O DISCURSO E AS (DES)IDENTIFICAÇÕES: REFLEXÕES ACERCA DO FEMINISMO E AS VOZES DE RESISTÊNCIA NA ATUALIDADE

Éderson Luís da Silveira*
Áquelle Miranda Schneider Duarte**

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo realizar uma interface entre a Análise do Discurso, os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero. Para isso, escolhemos como objeto de nosso artigo a análise das condições de produção dos sentidos que emergem das discursivizações de enunciados contemporâneos oriundos de protestos feministas, a partir da campanha “Feminista Por que”. Apresentaremos os dispositivos teórico-metodológicos da AD francesa para realizar gestos de interpretação no intuito de compreendermos como ocorre a (des) construção da imagem da mulher, em que serão estabelecidos debates que visem problematizar a visão machista de uma sociedade patriarcal, e que efeitos de sentido são produzidos e silenciados a partir dela.

Palavras-chave: análise do discurso; estudos culturais; efeitos de sentido; identidades culturais, estudos de gênero.

Resumen: El presente trabajo tiene por objetivo realizar una interrelación entre el Análisis del Discurso, los Estudios Culturales y los Estudios de Género. Para eso, elegimos como objeto de nuestro artículo el análisis de las condiciones de producción de los sentidos que emergen de las discursivizaciones de enunciados contemporâneos oriundos de protestas feministas, a partir de la campaña “Feminista Por qué”. Presentaremos los

*Graduando em Letras- Português na Universidade Federal do Rio Grande- FURG, membro do Grupo de Estudos em Análise do Discurso (GEAD/FURG). E-mail: ediliteratus@gmail.com

**Professora de pós-graduação da Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER), mestranda do mestrado profissionalizante Maestria em Política y Gestión de La Educación no Centro Latinoamericano de Economía Humana (CLAEH), Uruguai. E-mail: aqueleschneider@yahoo.com.br

dispositivos teóricos-metodológicos de la AD francesa para realizar gestos de interpretación con la intención de comprender cómo ocurre la (des) construcción de la imagen de la mujer, en qué serán establecidos debates que visen a problematizar la visión machista de una sociedad patriarcal, y qué efectos de sentido son producidos y silenciados a partir de ella.

Palabras-claves: análisis del discurso; estudios culturales; efectos de sentido; identidades culturales, estudios de género.

Introdução

A partir da linguística apreendemos que a língua não é transparente, pois tem sua ordem marcada por sua materialidade própria. A partir dos estudos marxistas, apreendemos que a história tem sua materialidade: o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente. A partir da psicanálise, apreendemos que o sujeito não é transparente nem para si mesmo.

Em consonância a esses pressupostos, em crítica ao esquema elementar da comunicação, Michel Pêcheux (1990) vai dizer que o discurso vai além do conceito de transmissão da informação (mensagem) e é efeito de sentido entre os interlocutores. Isso significa que a AD se desloca para observar a linguagem como algo que extrapola as ações de instrumento de comunicação. Dessa forma, a comunicação passa a ser muito mais do que “estímulo-resposta”, em que alguém toma a palavra e transmite uma mensagem a propósito de um referente baseando-se em um código (a língua), que outro alguém responde.

Na construção do objeto de estudo científico da Linguística, o corte entre língua (sistema abstrato) e fala (realização concreta) excluiu provisoriamente dos estudos da linguagem dois elementos: o sujeito e a história. A Análise do Discurso (AD) busca reintegrar esses elementos ao estudo do fenômeno da linguagem.

Se a linguagem é empregada por sujeitos, ela não pode ser vista sem que se leve em consideração esses sujeitos, pois, como afirma

Orlandi (2003, p.17) “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia.” Desse modo, os sentidos do discurso emanam dessa relação do sujeito com o meio social, com a história, com o tempo em que se situa e com as influências a que é submetido, através da ideologia.

Desse modo, apresentaremos um debate em torno das construções identitárias e defenderemos, assim como Silva (2000), que ao invés de (des)construção de identidade(s), temos processos de identificação-diferenciação, já que Silva(2000) e Santos (2011) constatam a antropologização do conceito de identidade. De acordo com os dois autores, o processo de mutação e fluidez da modernidade fez com que cada vez mais o conceito de identidade extrapolasse a noção de unidade “de ser ou unidade de uma multiplicidade de seres, ou, enfim, unidade de um único, tratado como múltiplo, quando se diz que uma coisa é idêntica a si mesma.” (ARISTÓTELES, 1969, p. 275). A cultura, desse modo, não pode ser entendida enquanto organismo estático, nem a identidade enquanto algo que se caracteriza pela permanência e inércia, permanecendo como é (mesmo que seja percebido como múltiplo), já que

não daria conta de explicar os fenômenos que se constroem no mundo sociocultural marcado pela dinamicidade das construções simbólicas fluidas, que como tais são perenes de lutas e representações (CHARTIER, 1990) que marcam simbolicamente a identidade e delimitam poder de inclusão ou exclusão. (SANTOS, 2011, p. 145)

Deste modo, no âmbito dos estudos culturais, visto como objeto da cultura, a noção de identidade não tem esse sentido de único, idêntico, igual e permanente. Ao contrário disso, é visto como contraditório, mutável e múltiplo. A partir dos pressupostos da AD e dos estudos culturais, principalmente os que teorizam a respeito da (des)construção de identidade(s), nosso objetivo é buscar compre-

ender os sentidos produzidos a partir da campanha “Sou feminista por que”, que elegemos como materialidade de análise, observando a relação entre os efeitos de sentido e os discursos outros que atravessam a produção desses efeitos, sejam construídos nos enunciados ou apagados na construção dos mesmos, para saber o quanto dizem sobre quem representam e sobre quem se direcionam, a partir dos discursos que fazem (res)surgir e/ou apagar.

(Des)construções identitárias acerca do que é ser feminista: subjetivações e discursivizações na multiplicidade dos sentidos

Nas últimas décadas, temos visto uma forte onda de movimentos sociais (entre eles o feminismo) que, de acordo com Santos (2011, p.142)

partem das questões identitárias para afirmação de suas singularidades e reivindicação de direitos sociais e políticos historicamente negados (...) isso faz do conceito de identidade um dos mais importantes para pensar e analisar os fenômenos socioculturais da contemporaneidade.

A marcha das vadias é um exemplo desses movimentos, que ajudam a perceber como ocorrem as (des)construções identitárias no interior dos sujeitos que se autodenominam feministas no Brasil. Na página online do movimento “Marcha das vadias/DF”¹ no manifesto 2012, intitulado “Por que marchamos?”, está a explicação das razões de existência do movimento.

Em 2011, foram duas mil mulheres marchando por uma sociedade sem violência contra a mulher. Na época, havia 684 inquéritos

¹ A página online do movimento é a seguinte <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com>. Na mesma página está o “Manifesto 2012- Por que marchamos?”, que será mencionado no decorrer deste artigo, bem como a campanha fotográfica “Sou feminista por que”.

policiais em crimes de estupro (nas estatísticas de uma média calculada de duas mulheres violentadas por dia). Este ano, indignadas com a absolvição de um homem que havia estuprado três meninas de 12 anos e, após haverem alegado na mídia televisiva que elas se prostituíam, marcharam novamente.

Entre outras causas reivindicadas estava o direito pelo aborto legal e seguro por que as feministas não querem “o Legislativo, Judiciário ou Executivo interferindo em nossos úteros para nos dizer que um aborto é pior que um estupro”. Além disso, trazem estatísticas que constataam a violência contra a mulher, como a afirmativa de que o Brasil ocupa a posição de sétimo lugar em homicídios de mulheres e as estatísticas de que a cada quinze segundos uma mulher é agredida em algum canto do país.

Para Bakhtin (1986, p.32), “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra.” Desse modo, temos, por um lado, resgatados nos discursos de resistência das feministas, a imagem da mulher como ser submisso, inferior ao homem em relação aos papéis que ocupa na sociedade e discursos que afirmam essa posição.

Por outro lado, temos a imagem de uma mulheres independentes, organizadas e livres, que lutam por seus direitos e que questionam os silenciamentos impostos pelos discursos machistas de (des) caracterização do feminino. Que protestam a banalização do sexo feminino, porque aparecem ainda hoje mulheres na mídia rebolando e caladas como meros panos de fundo em programas televisivos, ou vendendo cerveja, vendendo nas propagandas metaforicamente, a si mesmas para o desfrute dos homens enquanto objeto de desejo deles.

Em ambos os discursos, o discurso contrário está inserido, já que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. Se não o percebemos, é porque a forma afirmativa como expressamos essa identidade tende a esconder essa relação. Daí a contribuição dos

estudos culturais em relação à noção de (des)construção de identidades. Silva (2000) considera que, ao afirmar algo, estamos necessariamente negando a diferença, ou seja, o contrário. E se as identidades são fluidas, se (re)constroem continuamente, procuramos atentar para a resposta à pergunta acerca das razões que levam um sujeito a se autodenominar feminista, já que isso implica uma tomada de posição em relação ao que não objetiva ser.

Na campanha fotográfica estão dizeres que mobilizam memórias sobre o que é ser/apoiar o feminismo. Discursos que revelam que “a maneira como a memória ‘aciona’, faz valer, as condições de produção é fundamental” (ORLANDI, 2003, p. 30). E em contraposição ao discurso recorrente do machismo de que mulheres devem ser educadas para se vestirem adequadamente (discurso que remete às memórias de uma sociedade patriarcal, em que as mulheres são inferiores aos homens) e agirem adequadamente (em uma sociedade em que aos homens não é cobrado que se vistam “adequadamente, por razões sociais, culturais) a fim de que não sejam estupradas”, como se a culpa fosse delas e não do estuprador, as feministas rebatem com frases do tipo: “Não aceito que digam como me vestir ou me comportar”; “total respeito é meu direito e não sua escolha”; “Meu corpo, minhas vontades, minhas regras”; “Não ensine a mulher a não ser estuprada, ensine o homem a não estuprar”, etc.

Ao afirmar “por que sou feminista”, ocorre o ato de negar o que não sou. Desse modo, a construção da identidade implica afirmação e diferença. E somente podemos afirmar o que somos por causa da oposição estabelecida em relação ao que não somos, pois, como afirma Silva (2000), em um mundo imaginário totalmente homogêneo, em que as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido.

A afirmação “sou feminista” na verdade é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identificação com

o outro, de diferenças. Por trás da afirmação “sou feminista” deve-se ler: “não concordo com o machismo”, “não sou submissa”, “não fico calada diante de atitudes que me incomodam”, etc. O fato é que esses discursos estão atravessando o discurso feminista de cada imagem da campanha, mas não precisam estar materialmente expostos no corpo dos discursos, pois, somados a estes discursos, atuam na produção de efeitos de sentido, que criam alguns sentidos e desautorizam outros, apagando-os. Aqui se torna de suma importância o conceito das Formações Discursivas (FD), que, por sua vez é

aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PECHEUX, 2009, p. 147).

As formações discursivas dependem das formações ideológicas para estabelecerem seus sentidos, já que, conforme Magalhães (2005, p.27) “dependendo da FI (Formação Ideológica), haverá um conjunto de Formações Discursivas (FD), isto é, de lugares de dizer que funcionarão como incentivadores e/ou repressores do dizer do sujeito.” Os sentidos provêm, portanto da relação das palavras e sua história: “As palavras falam com as outras” (ORLANDI, 2003, p. 32), assim como silenciam outras. Dizer algo implica também, deixar de dizer.

Há nas construções identitárias, de acordo com Santos (2011), lutas de representações, em que as construções de sentidos- de identidades- devem ser observadas como forma de resistência a valores pré-construídos, não apenas como forma de dominação sobre outros valores. De acordo com Charthier (1990, p. 183),

a construção das identidades sociais seria o resultado de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear a

definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz em si mesma.

Esses movimentos de tensão que ocorrem na construção das identidades sociais, podem ser vistos a partir do fenômeno da luta de classes. Ora, há sempre na história uma classe dominante e opressora e outra classe dominada e oprimida, que luta pela resistência em relação à classe que detém o poder na sociedade. Para Althusser (1978), a luta de classes é o motor da história. Desse modo, Althusser desenvolve duas noções principais de marxismo: o marxismo reformista e o marxismo revolucionário. O que ele chama de marxismo reformista parte da premissa de que o que está em primeiro plano não é a luta de classes, mas as próprias classes sociais.

Quanto ao marxismo revolucionário, ele diz que, dentro dessa concepção é impossível separar as classes das lutas de classes, pois só existem classes estabelecidas na sociedade por que há luta e conflitos de tensão entre elas. É então a partir da luta de classes que deve ser percebidos os fenômenos sociais. A partir das formações discursivas em que estão/vão sendo inseridos os sujeitos (interpelados pela ideologia) é que podemos pensar não mais sujeitos, mas posições-sujeito no acontecimento discursivo. Orlandi (1998, p.154) afirma:

Quando dizemos que o inconsciente e ideologia são noções solidárias, estamos afirmando essa relação necessária sem, no entanto, reduzir a ideologia ao inconsciente. Isso implica em compreender a língua como sistema abstrato: a língua como ordem signifiante que se inscreve na história para fazer sentido. E implica também em considerar o sujeito discursivo enquanto sujeito histórico.

Dessa forma, os sujeitos historicamente situados, na visão de Pêcheux, se apropriam da língua para significar (-se), como condição de possibilidade de constituição de um discurso. A língua, desse modo, constitui a possibilidade de discurso, na medida em que os processos discursivos constituem a origem de produção dos efeitos de sentido no discurso.

Aqui se torna necessário considerar a noção das condições de produção do discurso, vista por Pêcheux (1969, p. 74) como “o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em circunstâncias dadas” e como “mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso” (idem, p. 78). Obstante a isso, é o mesmo Pêcheux que em 1969 (p. 182) apontará para a “necessidade de reconhecer a defasagem entre o registro do imaginário e o exterior que o determina”. A partir daí, podemos pensar no princípio de heterogeneidade.

Para Indurski (1997), as condições de produção do discurso se situam na contingência histórica e na emergência do acontecimento. Desse modo, as condições de produção dos discursos são pensados em seus processos de discursivização, tanto no momento em que são produzidos, quanto em relação a história em que são inscritos, sendo (re)significados por grupos específicos, permitindo determinados sentidos e não outros, de acordo com a formação discursiva em que forem inscritos.

Dentro dos processos de relações de poder, que ocorrem no interior das produções de discursos, os dominados também buscam construir representações no intuito de deslegitimar não só as representações, mas as práticas de dominação exercidas sobre eles. Os dominados, então, não podem ser vistos como sujeitos passivos do sistema, já que, ao (des)construir sua(s) identidade(s) através da negação de outros valores que não aqueles da dominação, procuram

reforçar os seus em seu grupo social. A identidade (identificação com o outro dominado/desidentificação com o dominante) passa a ser vista como sinônimo de resistência.

Para Carvalho (2002), o fenômeno da utopia pode ser visto como uma realidade social desejável, necessária, todavia, inexistente. Ao resistir aos discursos de dominação, os excluídos buscam a transformação da realidade, ao almejar e agir na construção de outra realidade, diferente da sua, porém almejável.

Dá a importância da aproximação dos excluídos entre si, porque isso vai fortalecer o grupo na afirmação da deslegitimação das práticas de exclusão empregadas contra eles, que têm o intuito de desqualificar suas atitudes, através da propagação de reprodução de discursos machistas que continuam associando, por exemplo, em vários lugares, o corpo de mulher à banalização do sexo feminino por causa dos discursos que se vão sendo inscritos, quando se utilizam mulheres para exibir a nudez espelhando o papel da mulher na sociedade, hierarquizando seus papéis em relação ao homem e causando o apagamento dos argumentos de defesa e resistência que as discursivizações feministas produzem.

Desse modo, podemos afirmar que a língua e a ideologia afetam a constituição do sujeito e do discurso. Assim, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo e, ao se constituir, o sujeito (re)significa-se a partir da ideologia. Em relação à produção de efeitos de sentido no discurso, podemos dizer que não há essência do sentido, ele é sempre uma relação que tem a ver com o conjunto de Formações Discursivas (FD), pois é dentro da formação discursiva que está o que deve e pode ser dito. Portanto, as palavras, preposições, expressões, para a AD, recebem seu sentido no interior da FD na qual são produzidas, podendo ser até mesmo re-significadas.

O sujeito da AD não é o sujeito empírico, mas a posição-sujeito projetada no discurso. E isso se dá no jogo das formações imaginá-

rias que presidem todo o discurso: a imagem que o sujeito tem dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto de seu discurso. Assim também como ele tem a imagem que o interlocutor tem de si mesmo, de quem lhe fala e do objeto do discurso.

Para justificar aqui a importância do conceito das formações imaginárias, devemos atentar para a posição social do discurso. Desse modo, ao falarmos de mulher, estaremos falando da imagem que a nossa sociedade faz da mulher. Para as feministas e para aqueles que elas querem alertar com seus protestos, sabemos que é diferente a imagem. A imagem de mulher que têm, por exemplo, os homens machistas, ou publicitários de anúncios de cerveja. Daí podemos refletir sobre o quanto o nosso discurso é en-formado pelo imaginário.

Os estudos do gênero e a supersimulação da feminilidade

Para Schienbinger (2001), o termo “gênero” é utilizado para referir a um sistema de signos e símbolos denotando relações de poder e hierarquia entre os sexos. Ele também pode se referir a relações de poder e modos de expressão no interior de relações do mesmo sexo. Para a autora, “Ideologias de gênero prescrevem características e comportamentos aceitáveis para homens e mulheres. (...) A identidade de gênero denota como um homem ou mulher individualmente apropria aspectos de ideologias de gênero como parte de seu senso de eu.” (SCHIENBINGER, 2001, p. 46)

Levando em consideração as noções expressadas no parágrafo anterior, podemos inferir que a atribuição de gênero se refere a comportamentos esperados de um indivíduo em virtude de ele ser homem ou mulher. A expressão “gênero” então aponta para entendimentos mutáveis do que significa ser homem ou ser mulher no interior de um ambiente social específico.

Muitos feministas notáveis foram homens, como François Poullain de La Barre, que declarou, no século XVII, que a “mente não tem sexo” e o liberal inglês John Stuart Mill, que, no século XIX lutou pelos direitos da mulher. Feminismo, então, a partir dessa concepção, passa a se associar com um ponto de vista e não com um sexo em particular. Pensar que o feminismo é apenas um movimento de/para mulheres é alienar-se da constatação de que há também homens que fica(ra)m constrangidos com as noções impostas de hierarquização de gêneros na sociedade.

Se a linguagem é histórica e social, ela é fluida, modifica-se com o tempo, altera-se de acordo com os indivíduos e grupos sociais que a empregam. Desse modo, a linguagem não varia apenas na forma: os sentidos deslizam, de acordo com as visões de mundo dos sujeitos sociais, variando de acordo com as posições ideológicas ocupadas pelos sujeitos da linguagem. O sentido não é evidente, assim como a linguagem não é transparente.

Lemos (2000) destaca a imagem que a mídia faz da mulher, “pornografando-lhe” os gestos e neutralizando seu sexo. O que as edições pornográficas fazem é “uma paródia da feminilidade tal como os homens a imaginam em seus fantasmas”. A mulher é vista como objeto de desejo, associada ao desejo, e, nas palavras de Lemos (idem), supersimulam-lhe a feminilidade.

“Supersimular” a feminilidade é dizer que a mulher nada mais é do que um modelo de simulação masculina. Existe um desafio ao modelo da mulher através da representação da mulher, um desafio à mulher/mulher através da mulher/signo e é possível que esta denúncia viva e dissimulada, que atua nos limites do artificial, que ao mesmo tempo faz e desfaz até a perfeição os mecanismos da feminilidade, seja mais lúcida e radical que todas as reivindicações ideopolíticas de uma feminilidade “alienada de seu ser”.

É através da superexposição do feminino enquanto sexo, através da pornografia, que a feminilidade mostra sua realidade aparente, que faz com que a imagem de mulher projetada nos discursos sociais decorrentes dessa imagem externe visões de preconceito e estereotipia.

O preconceito, para as feministas, começa a se formar no indivíduo conforme ele desenvolve sua socialização. Se uma criança for exposta desde cedo a discursos machistas, ela terá muitas chances de mais tarde os reproduzir com naturalidade, por causa da medida em que foi exposta a eles. São as diferenças individuais e desidentificações com o outro que causam o preconceito. Ocorre que o preconceito como “lugar da mulher é no fogão”, por exemplo, são reforçados continuamente no interior das formações discursivas em que surgiram e/ou são reforçados continuamente.

Os estereótipos se mostram propícios à estereotipia do pensamento, já que fortalecem o preconceito e servem para sua justificativa. Ao olhar para o diferente, os seres humanos tendem a neutralizar as diferenças, negando-as ou atacando as pessoas que por elas são representados. Daí a dificuldade de incentivar o pensar diferente, pois há modos diferentes de pensar na realidade dos sexos na pós-modernidade, através de discursos que a sociedade herdou de uma sociedade essencialmente patriarcal dos séculos anteriores a este (que não deixou de ser totalmente patriarcal, na verdade modificou-se apesar disso), em que as próprias formações de família apresentam mudanças significativas, em que a tríade mãe – pai – filho(s) de antes não mais representa a realidade de muitas famílias na contemporaneidade.

Na mídia, inserida em discursos em que a imagem da mulher enquanto ser virtual, de corpo unicamente explorado em sua aparência, se oculta a dificuldade de percebê-la como diferente, palpável, humanizada. São os sentidos apagados, que fazem com que, a partir da gênese da mulher de cera, que tal qual uma modelo de Madame

Tussaud, a criadora das máscaras mortuárias nascida em 1761, que transformou a mórbida profissão em arte, as pessoas se acostumaram a deixar que fossem estipulados padrões de beleza que ferem a aparência das mulheres e que as colocam no terreno da falta. Sempre falta-lhes algo, seja o cabelo em desacordo com a estação, as roupas fora de moda ou o corpo que não reflete o da alta costura.

É a partir da negação desses discursos que as feministas constroem seus discursos de resistência, procurando desqualificar discursos legitimados por uma sociedade que alimenta o descaso e a violência com os excluídos.

O corpo da mulher banalizado pela extrapolação da pornografia em toda a parte que faz com que ocorra o que Baudrillard (2000) chamou de banalização da “forma ideal”, em que a pornografia, por causa dos excessos, deixou de ser pornografia, já que, por estar em toda a parte, anulou-se. E é exatamente essa banalização da forma ideal que pode ser mais perigosa, violenta e ofensiva ao feminino, no instante em que dita regras e impõe padrões impossíveis, já que, muitas vezes, é a própria mulher que impõe a si o padrão de mulher-objeto veiculado pela mídia e incentivado pela indústria da moda. Restam as palavras de Baudrillard (1997, p.152), que expressam muito bem o cenário da pós-modernidade em relação aos discursos preconceituosamente estagnados em relação à mulher: “Se tudo se torna demasiado evidente para ser verdadeiro, talvez reste uma chance para a ilusão. Que será que se esconde por esse mundo falsamente transparente?”.

No instante em que as discursivizações deixaram de ser questionadas e se tornam banais, no sentido de que é normal a imagem da mulher caracterizada como “vadia”, por exemplo, as feministas constroem seus discursos questionando memórias e atualizando-as no interior de suas FDs, já que, para a AD, a linguagem, como dissemos antes, não é transparente. Surgem então outros sentidos que são /vão sendo inscritos nos efeitos de sentido que a palavra “vadia”

produz como os que estão enumerados na página online do movimento, no “Manifesto 2012- Por que marchamos?”, que associam as mulheres adjetivando-as como vadias, mas explicam o surgimento da adjetivação desses sujeitos, e propõe uma releitura do termo, a partir de sua FD, como podemos perceber a seguir:

Já fomos chamadas de vadias porque usamos roupas curtas, já fomos chamadas de vadias porque transamos antes do casamento, já fomos chamadas de vadias por simplesmente dizer “não” a um homem, já fomos chamadas de vadias porque levantamos o tom de voz em uma discussão, já fomos chamadas de vadias porque não seguimos o que a sociedade ou a nossa família esperava de nós, já fomos chamadas de vadias porque andamos sozinhas à noite e fomos estupradas, já fomos chamadas de vadias porque ficamos bêbadas e sofremos estupro enquanto estávamos inconscientes, por um ou vários homens ao mesmo tempo (...) já fomos e somos diariamente chamadas diariamente de vadias apenas porque somos MULHERES.

(...) Marcharemos para que não restem dúvidas de que nossos corpos são nossos, não de qualquer homem que nos assedia na rua, nem dos nossos pais, maridos ou namorados, nem dos pastores ou padres, nem dos congressistas, nem dos médicos ou dos consumidores. Nossos corpos são nossos e vamos usá-los, vesti-los e caminhá-los por onde e como bem entendermos. Livres de violência, com muito prazer e respeito.

Apesar de haver várias FDs, é possível notá-las presentes em um discurso. A partir dessa constatação que é possível inferir que o mesmo dito pode ganhar sentidos diferentes dependendo da formação discursiva em que ele esteja inscrito. Assim, de acordo com os estudos de Michel Pêcheux (1990), o discurso não é apenas estrutura, mas acontecimento que mobiliza memórias, fazendo com que os sentidos produzidos sejam retomadas de dizeres anteriores ao sujeito. Dessa forma, novos gestos de produção dos sentidos inauguram novas redes de memória.

Para Pêcheux (1990, p.17), o acontecimento é “um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”. É dessa forma que podemos perceber os discursos, a partir da desconstrução sentidos, em que ocorre o ponto de encontro entre uma memória (a de que as mulheres são vadias a partir de um caráter ofensivo em relação a elas) e uma atualização (as mulheres são vadias por causa da resistência em relação ao sistema opressor). Aqui não pretendemos nos estender nos motivos que levam feministas a escrever o manifesto e uma análise aprofundada da sociedade a que remetem e às mudanças para as quais apontam na trama de seus discursos.

Importante salientar que o papel do analista do discurso não é fazer a análise da sociedade, mas dos discursos em uma sociedade. De acordo com Orlandi (1998), a AD trata da determinação histórica dos processos de significação, não estagnando nos produtos como tais, mas trabalhando com processos e condições de produção da linguagem. Podemos analisar então a partir dessa noção discursiva, o discurso midiático publicitário, a que se faz referência na utilização da palavra “consumidores”, por exemplo.

O discurso publicitário tem por objetivo conquistar e seduzir, construindo uma relação entre o objeto a ser vendido e um sujeito que deseja comprá-lo, a quem é atribuído um potencial de compra. No instante em que os sentidos de uma formação discursiva põem em discursivização um enunciado ocorre, como já dissemos, a possibilidade de que alguns efeitos fiquem evidenciados e outros não.

Assim, ao mesmo tempo em que há a produção de efeitos de sentido que direcionam o expectador para um discurso de venda, vende-se a mulher por associação, colocando-a no mesmo plano de desejo e, metaforicamente, ao comprar a cerveja, ao adquirir o carro, estará o consumidor comprando outro objeto de desejo, seja ele, a mulher, seu objeto de desejo. Malanga (1979) define a publi-

cidade como persuasiva que tem um objetivo comercial bastante caracterizado. O autor a define como arte de seduzir, despertando no público o desejo de compra, que leva o consumidor à ação. Assim, os sentidos que são apagados na construção desses sentidos não importam. (Esses sentidos apagados no discurso publicitário e nos discursos sociais de dominação são resgatados na afirmação “nossos corpos são nossos”, por exemplo, numa tentativa de estabelecer um ambiente de tensão ao contrapor os discursos de dominação e revelar a busca pela utopia de Carvalho (2001), um futuro que as mulheres almejam para si).

Em contraposição a isso, a defesa do direito de pensar diferente produz efeitos de sentido para que se possa transgredir os discursos cristalizados na sociedade sobre a mulher e seus papéis na sociedade, por isso, um dos discursos mais frequentes das discursivizações do feminismo atual. A associação que se faz entre mulher e desejo aponta para efeitos de sentidos descaracterizadores da mulher enquanto ser pensante e apontam como consequência para a criação da mulher-coisa, da mulher-objeto, da mulher que tem os discursos apagados, por que os discursos de resistência atuam para deslegitimar o sistema publicitário, bem como o capitalismo que aliena os sujeitos em prol do consumo, por exemplo.

Considerações finais

Para os estudos discursivos, a língua é concebida como uma materialidade simbólica que é constituída pelas ideologias sociais. Desse modo, a linguagem reflete em si mesma diferentes visões de mundo que estão em conflito na sociedade, por que o sentido de um enunciado nunca é óbvio.

Para a AD, uma análise baseada nos estudos discursivos não se volta meramente para o conteúdo informacional dos enunciados,

mas para o modo como esse conteúdo é enunciado: importa menos *o que* foi dito, importando mais *como* foi dito. Assim, o foco no *modo de enunciar* permite ao analista identificar momentos de tensão, contradição dos dizeres do sujeito. Logo, o questionamento deve existir através da reflexão que surge a partir da confrontação dos enunciados com as ideologias em circulação na sociedade. Como os sentidos serão sempre diferentes conforme as posições ideológicas ocupadas pelos sujeitos que enunciam e que interpretam dizeres.

Em relação a estas constatações procuramos exemplificá-las durante o artigo a partir das formas de discursivização e subjetivação postas em circulação na contemporaneidade pelos discursos feministas. Procuramos também analisar pelo viés dos estudos culturais, principalmente nos estudos como os de Santos (2011), Silva (2000) e Charthier (1990), no que tange ao fenômeno da(s) (des)construções de identidades para analisar como estas noções podem ser percebidas nos discursos feministas enquanto discursos de oposição e resistência aos discursos que tentam se apoderar do corpo da mulher (a partir das regras sociais que se lhe impõem os discursos machistas, por exemplo). Também procuramos atentar para noção de gênero tal como percebida por Schienbinger (2001), que aponta para relações de poder e hierarquia entre os sexos.

Finalmente, em todas as áreas de contribuições, seja a AD, sejam os estudos culturais ou os estudos de gênero, podemos perceber a noção de ideologia que atuam na AD dentro das Formações Discursivas e para os estudos culturais e os estudos de gênero como funcionando de diversas maneiras, prescrevendo características e comportamentos aceitáveis para homens e mulheres. Ambos os estudos problematizam essa questão de ideal masculino ou feminino, em que aparecem (nos atos de construção identitária) situações de afirmação /diferença, de acordo com a (des)identificação com as atribuições de gênero emprestadas pela sociedade em discursos de dominação.

Finalmente, queremos atentar nessas últimas palavras (mas que não sejam consideradas uma conclusão no sentido de finalizar o assunto e sim para que possam suscitar novos debates em torno da questão) para a cultura, que para Schienbinger (idem), funciona concentrando nossa atenção de maneiras específicas, aumentando um conjunto de semelhanças e diferenças, ao mesmo tempo em que descaracteriza uns elementos e embaça outros, orientando a construção de instrumentos que trazem certos tipos de objetos à visão, enquanto eclipsam outros.

O discurso materializado no manifesto feminista intitulado “Manifesto 2012- Por que marchamos?” e os dizeres da campanha “Sou feminista por que” investem em sentidos que associam a mulher feminista à luta e resistência ao sistema opressor que a rotula como inferior em relação ao homem, além de outros sentidos. Isso nos permitiu apreender deslizes e derivas dos dizeres acerca das representações da mulher no século XXI que rompe com os padrões estabelecidos pela sociedade e pelos discursos de dominação.

Referências:

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Trad. J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1974.

ALTHUSSER, L. *Posições- 1*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

ARISTÓTELES, *Metafísica*. Editora Globo de Porto Alegre, Biblioteca dos Séculos, tradução de Leonel Valandro, 1969.

BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Huicitec, 1986.

BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas: Papirus, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. *Tela total: mito-ironias da era virtual da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. 7ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, [s.d.]

- CARVALHO, N. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CULLER, J. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Trad. Patrícia Burrowes. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1997.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERREIRA, M. C. L. (Coord.) *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2001.
- GEERTZ, Cliford. "Transição para a humanidade". In: *O papel da Cultura nas Ciências Sociais*. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e outras vozes*. Campinas: Unicamp, 1997.
- KESKE, Humberto Ivan. "E a mídia criou a mulher". Sessões do Imaginário. Porto Alegre: editora FAMECOS/PUCRS, n. 8, p. 59- 66.
- LEMONS, André. "Arte eletrônica e cibercultura". In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Jurema Machado da (org.) *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. 2a ed. Porto Alegre: Edipucrs / Sulina, 2000.
- MAGALHÃES, Belmira. *As marcas do corpo contando a história: um estudo sobre a violência doméstica*. Maceió: Edufal, 2005.
- MALANGA, Eugênio. *Publicidade- uma introdução*. São Paulo: Atlas, 1979.
- MARCHA DAS VADIAS/BRASÍLIA, DF "Campanha Fotográfica – Feminista Por quê?". Disponível em <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/campanha-fotografica-feminista-por-que/>. Acesso em 12 de setembro de 2012.
- MARCHA DAS VADIAS/BRASÍLIA, DF "Manifesto 2012- Por que marchamos?". Disponível em <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/manifesto-2012-por-que-marchamos/> Acesso em 12 de setembro de 2012.
- MENDES, José Manuel Oliveira. "O desafio das identidades". In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *A globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 503-540.
- MORIN, Edgar. *O Método I: a natureza da Natureza*. Lisboa: Europa-

América, 1997.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4ª ed. São Paulo: Unicamp, 1998.

ORLANDI, E. *Interpretação: Autoria e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1998.

PECHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990.

PECHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Trad. H. Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

SANTOS, Luciano dos. "As identidades culturais: Proposições conceituais e teóricas". In *Revista Rascunhos Culturais: Coxim/MS*, v. 2, jul/dez. 2011, p. 141-157.

SCHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Trad. Raul Fiker. Bauru, SP: editora EDUSC, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. "A produção social da identidade e da diferença". In *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis- RJ: Vozes, 2000.

ZANDWAYS, Ana. *Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso*. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-graduação em Letras, 2009.